

Autores, textos e leitores: diferentes formas de narrar o “tempo dos exames de admissão ao ginásio” (1950-1970)

Cristiani Bereta da Silva*

Introdução

O livro que estudávamos tinha uma capa azul com umas moças segurando uns livros e em letras garrafais o título ADMISSÃO AO GINÁSIO. Eu particularmente ficava encantado com as ilustrações: bandeirantes com suas indumentárias, as batalhas da Guerra do Paraguai (logicamente o Brasil ganhava todos e os brasileiros eram bonzinhos e o Solano Lopez o tirano malvado. Anos depois ao ler o livro do Júlio Chiavennato, ‘O genocídio americano’, cai na real).

(Tavares, 2012)

O excerto acima foi retirado do texto *Admissão ao ginásio* (turma de 1973), de César Tavares, administrador do *blog*¹ *Amigos de Delmiro Gouveia*.²

* Doutora em História. Professora do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: cristianibereta@gmail.com.

- 1 *Weblog*, ou “diário da *web*”, é um *site* da internet cuja estrutura permite atualizações rápidas por meio de acréscimos de artigos ou *posts*.
- 2 Com o objetivo de deixar o texto mais limpo, o endereço completo das páginas citadas, seguido da data de acesso, estará apenas ao final do texto, na lista de referências.

No dia 15 de maio de 2012 foram postados dois textos com “lembranças dos tempos do admissão”. Ambos eram relatos dos tempos de escola, recordando o período em que César e seu amigo Paulo da Cruz (autor do segundo texto) realizaram os exames, entre os anos 1960 e 1970. Os dois textos tiveram 15 comentários de diferentes leitores que adicionaram outros episódios às histórias contadas inicialmente.

Esse e outros *blogs* que privilegiam relatos sobre experiências consideradas inesquecíveis dos tempos de escola trazem textos escritos em primeira pessoa e, por essa razão, são tomados aqui em seu sentido mais amplo de egodocumentos.³ Essas diferentes narrativas digitais fazem parte do *corpus* documental da pesquisa⁴ da qual este artigo constitui recorte, integrando o eixo livremente classificado como “narrativas e memórias pessoais sobre os exames”. Até o momento fazem parte desse conjunto 12 *blogs*, quatro *sites*⁵ e 14 entrevistas orais realizadas com professoras aposentadas que tanto fizeram os exames de admissão na condição de estudantes quanto, já na condição de professoras, preparavam crianças para a realização das provas. A pesquisa também localizou um livro destinado a crianças chamado *Admissão ao ginásio*, que mistura ficção e memórias do autor, Carlos Urbim, sobre suas experiências quando se preparava para fazer os exames.⁶

3 O termo “egodocumento” foi cunhado pelo historiador holandês Jacob Presser, em 1958, para designar diversas formas de expressão dos sentimentos e das experiências pessoais. “Desde su punto de vista, un ego-documento es un texto, de cualquier forma o tamaño, en el que se esconde o descubre deliberada o accidentalmente un ego” (Amelang, 2005, p. 17).

4 Trata-se do projeto *Exames de admissão ao ginásio e o ensino de história do Brasil (décadas de 1930-1970)*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com concessão de bolsa de produtividade em pesquisa. Teve sua primeira fase desenvolvida no período de fevereiro de 2013 a janeiro de 2016 (Processo: 304878/2012-0). Uma segunda fase foi aprovada para ser desenvolvida no triênio 2016-2019 (Processo: 310995/2015-9). Os(as) discentes do Curso de História Amanda Nicoleit, João Manuel Nunes de Souza e Talita Garcia Ferreira participam da pesquisa como bolsistas de Iniciação Científica. Também colaboram as discentes Maíra Pires Andrade e Iara Steiner Perin (Mestrado em História); Elaine Prochnow Pires (Mestrado Profissional em Ensino de História); Rosiane Ribeiro Bechler e Rosiane Damázio (Doutorado em Educação); Célia Santana Silva (Doutorado em História) – todos cursos da Udesc.

5 Um *blog* também é um *site*, mas um *site* não é um *blog*. Pode-se dizer que a criação de um *site* exige requisitos de programação mais complexos que a de um *blog*. Além disso, os *sites* costumam ser criados para informar produtos/serviços de determinada empresa. Esclarece-se, porém, que os *sites* citados neste artigo não se referem a empresas, mas sim a pessoas físicas que os utilizam como meio para publicar seu trabalho e também para falar de si.

6 A pesquisa tem um *corpus* documental variado e amplo, fazem parte dele também livros preparatórios para os exames de admissão ao ginásio, correspondências e materiais de divulgação das editoras que publicaram dois dos livros mais vendidos entre as décadas de 1950 e 1970, relatórios de diferentes escolas sobre os exames, avaliações de história do Brasil realizadas por estudantes no período, entre outros.

Muito provavelmente, para a maioria das pessoas que ingressaram na escola após 1971, os exames de admissão ao ginásio sejam uma referência distante ou completamente desconhecida. Mas essa máxima se inverte para aquelas pessoas que frequentaram a escola e, principalmente, que puderam prosseguir com os estudos no curso secundário⁷ entre 1931 e 1971: não apenas elas se lembram dos exames, muitas delas fazem deles um marco significativo em sua formação escolar.

No Brasil, durante quarenta anos, crianças que terminavam o então denominado curso primário e que desejavam prosseguir com os estudos no curso secundário deviam se submeter aos exames de admissão. Eles eram obrigatórios e consistiam em provas orais e escritas em quatro áreas de conhecimento: português, matemática, história do Brasil e geografia do Brasil. A inscrição para prestar os exames era paga, a idade mínima era de 11 anos e as provas eram realizadas nas escolas secundárias (públicas ou privadas) em que as crianças pretendiam estudar. Eram elaboradas, aplicadas e corrigidas pelos professores da própria escola, seguindo o programa oficial determinado pelas leis vigentes.

Os exames de admissão ao ginásio acabaram se constituindo como um dispositivo ao mesmo tempo divisor e seletivo na transição entre os ensinos primário e secundário. Mobilizavam não apenas o estudante, mas toda a sua família, pois obter a aprovação nas provas significava fazer parte de um seletivo e distinto grupo (Nunes, 2000; Minhoto, 2007). Integrar esse grupo pressupunha ascender socialmente, por meio de condições simbólicas e materiais. O fato de o ensino secundário ter crescido 490% – em número de matrículas – entre 1933 e 1953, enquanto os níveis de ensino primário e superior cresceram 90% e 80%, respectivamente (Abreu, 2005, p. 46), não esconde o caráter elitista e excludente das políticas voltadas a esse nível de ensino nesse mesmo

7 *Grosso modo*, pode-se dizer que os ensinos primário e secundário, nesse período, organizavam-se desta forma: ensino primário, dividido em dois cursos sucessivos – elementar (duração de quatro anos) e complementar (duração de um ano) –, destinado aos alunos de sete a 12 anos (Decreto-Lei nº 8.529, de 1946). A Reforma Francisco Campos (Decreto nº 19.890, de 1931) implantou os exames de admissão e organizou o ensino secundário, dividido em dois cursos seriados: fundamental (com duração de cinco anos) e complementar (com duração de dois anos), este último exigido para o acesso a alguns cursos superiores. Em 1942, o ensino secundário sofreu nova alteração com a Reforma Gustavo Capanema (Decreto-Lei nº 4.244). Ele foi dividido em dois ciclos: um primeiro de quatro anos, chamado de ginásio, e um segundo de três anos, chamado de colegial (com dois tipos de curso: científico e clássico). Essa organização foi alterada pela Lei nº 5.692, de 1971, que extinguiu os exames de admissão e unificou o ensino primário com o ginásio, constituindo o primeiro grau, com duração de oito anos (destinado aos alunos de sete a 14 anos), e o segundo grau, com duração de três anos (destinado aos alunos de 15 a 17 anos).

período.⁸ Constituíam-se em políticas que atendiam a uma parcela bastante reduzida da população, a classe média urbana, e que reforçavam ainda mais as hierarquias e dualidades do sistema escolar vigente. Estudos apontam que ao ensino secundário hipotecava-se a responsabilidade de educar os futuros dirigentes da nação (Reznik, 1992; Nunes, 2000; Dallabrida; Carminati, 2007). Importa lembrar que somente o curso secundário preparava e dava acesso legal aos cursos superiores. As outras modalidades de ensino médio existentes – normal, industrial ou comercial – não permitiam tal acesso até pelo menos 1953, quando a Lei nº 1.821 aprovou a equivalência entre os diferentes cursos de nível médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores.

Entende-se que os dispositivos de funcionamento dos exames de admissão ao ginásio provocaram mudanças substantivas tanto na organização do currículo quanto nas finalidades de cada disciplina selecionada para os testes: português, matemática, história do Brasil e geografia do Brasil. Concorde-se assim que os exames exercem um papel regulador sobre a disciplina escolar, chegando mesmo a alterar as finalidades inicialmente prescritas pelas políticas educacionais (CherVEL, 1990). Certamente as escolhas dos conteúdos relativos à história do Brasil, feitas pelas instituições de ensino secundário a partir dos programas oficiais, contribuíram para reorganizar o próprio ensino dessa matéria no curso primário, haja vista a necessidade de preparação para os exames, realizada tanto no ensino regular quanto em cursinhos privados, reservados às crianças que podiam pagar.

A formulação das leis Francisco Campos, 1931, e Gustavo Capanema, 1942, teve impactos significativos na organização dos saberes escolares, pois ambas visaram conferir organicidade ao secundário. Do mesmo modo, destaca-se a criação da Comissão Nacional do Livro Didático, em 1938, ligada ao governo federal e responsável pela avaliação dos manuais escolares voltados para os cursos primário e secundário. Relacionado a essas questões está o crescimento das publicações didáticas destinadas ao secundário – e também à preparação dos exames de admissão, após 1931 –, que acabou também por contribuir para a organização dos conteúdos cobrados nas provas, dentre eles os de história do Brasil.

A obrigatoriedade dos exames constituiu-se em solo fértil para a emergência de um novo nicho no mercado editorial brasileiro: livros preparatórios

8 Apenas para ilustrar, em 1954 havia 535.775 alunos matriculados em 1.771 escolas secundárias no país. Esse número representa apenas 6% da população com idade entre 12 a 18 anos, segundo o recenseamento de 1950 (Abreu, 2005, p. 43). Além disso, é importante chamar a atenção para o fato de que essas escolas eram fundamentalmente urbanas, nas zonas rurais eram praticamente inexistentes.

dirigidos a professores e estudantes, principalmente os que frequentavam o 4º ou o 5º ano⁹ do primário. Os livros dos exames de admissão alcançaram grande sucesso editorial, muitos deles com sucessivas edições até o final da década de 1960. Aulas particulares nas casas dos professores ou em cursinhos especializados, concomitantemente ao último ano do primário, eram uma realidade para aqueles que pretendiam ascender ao ginásio. Atrrelados a esses “cursinhos” e “aulas particulares” estavam os livros publicados por diferentes editoras que se destinavam à preparação para os exames. Os mais lembrados são os livros multidisciplinares, que se dividiam em quatro partes – português, matemática, história do Brasil e geografia do Brasil – e traziam na capa os nomes dos professores responsáveis por cada disciplina, quase sempre professores reconhecidos nacionalmente.

Essas são breves pinceladas que objetivam esboçar o contexto no qual as discussões deste artigo se assentam. Contudo, mais que os exames, propriamente, as questões que se pretende explorar aqui dizem respeito a dois eixos que se relacionam e se complementam irredutivelmente. O primeiro é metodológico e implica pensar as possíveis articulações entre diferentes narrativas – escritas e orais, memórias pessoais e ficção – e suportes – *blogs*, *sites*, livros, gravações –, bem como as potencialidades dessas narrativas como documentos históricos privilegiados para a compreensão da memória e da temporalidade, no presente. O segundo eixo reflete sobre livros e leitores. Discute-se, mais precisamente, sobre os usos dos livros destinados à preparação para os exames e sobre questões relacionadas ao ensino de história do Brasil, por meio de narrativas de sujeitos que ocupavam a posição de estudantes ou de professoras entre as décadas de 1950 e 1970. Mesmo entendidas como representações do passado, as narrativas sobre esse período instigam reflexões sobre os diferentes usos dos livros voltados aos exames de admissão, permitindo pensar as práticas de leitura, as circunstâncias da compreensão e interpretação desses livros pela comunidade de leitores à qual eles se dirigiam: professores e estudantes. Do mesmo modo, contribuem para dotar de inteligibilidade dimensões do saber histórico escolar e das práticas escolares

9 Diferentes narrativas de estudantes e professores do período informam que nem todas as crianças faziam o 5º ano. Isso porque após a conclusão do 4º ano, se já tivessem idade (11 anos) e fossem aprovadas nos exames de admissão, podiam concluir o primário e se matricular no ginásio. Caso fossem reprovadas nos exames, eram obrigadas a se matricular no 5º ano para concluir o primário. Por essa razão, o 5º ano é bastante lembrado como “ano de preparação”, e ser aprovado nos exames após a conclusão do 4º ano, sem precisar cursar o 5º, é motivo de distinção e orgulho.

no que concerne ao ensino de história do Brasil, por meio de modos singulares de interpretação da experiência de escolarização num dado momento histórico.

Narrativas como instrumentos que refiguram o tempo

O vestígio é, pois, um dos instrumentos mais enigmáticos mediante o qual a narrativa histórica ‘refigura’ o tempo.

(Ricoeur, 2010b, p. 213)

O livro *Admissão ao ginásio*, de Carlos Urbim, é todo dedicado às memórias do autor sobre o último ano do primário, tempo em que se preparava para realizar os exames de admissão ao ginásio. Ficção e história enredam-se numa narrativa sobre um menino, não coincidentemente chamado Carlos, às voltas com as belezas e descobertas da infância e com as expectativas e aflições que o acompanhavam na preparação para os exames:

Quem estava no final do quinto ano primário tinha que fazer o exame de admissão ao ginásio. Por volta dos 11 anos, os estudantes deixavam o grupo escolar e iam para um novo colégio, quase sempre maior. Antes, porém, o suplício das provas de Redação, Gramática, Matemática, Geografia e História, com duas notas cada: a da prova escrita e a oral. Os professores chamavam os alunos para, depois da parte escrita, sortear perguntas que deveriam ser respondidas na hora. Que sufoco! Quem passou por isso está marcado para o resto da vida. (Urbim, 2008, p. 6).

Várias passagens do livro aproximam-se de episódios narrados em textos postados em *blogs* e também em entrevistas orais. Essas narrativas diferenciam-se pelas suas naturezas e suportes, mas têm em comum o fato de privilegiarem relatos sobre os exames de admissão ao ginásio. O tempo é o passado e as ações narradas situam-se entre os anos 1950 e 1970. Deve-se dizer também que esses autores/narradores são, no presente, professores (todas as entrevistas orais foram realizadas com professoras aposentadas), advogados, jornalistas, funcionários públicos etc. que, em alguns casos, também se apresentam como escritores e/ou poetas. Outra característica comum: é a partir de si, de experiências pessoais, que os narradores elaboram essas histórias.

Os *blogs* e *sites*¹⁰ se caracterizam por trazer relatos acompanhados de imagens das capas dos livros preparatórios para os exames, como se pode observar nas figuras a seguir:

Figura 1 – Print screen do blog *Anos Dourados*

ANOS DOURADOS: IMAGENS & FATOS

Este blog é uma REVISTA ELETRÔNICA QUINZENAL para a turma dos "ANOS DOURADOS" relembrar e matar saudades da infância e adolescência. E, também (porque não?), para os MAIS NOVOS conhecerem coisas da época e o que se passava naqueles tempos. FOTOS dos símbolos e ícones dos ANOS 50/60 (e dos 40) tiradas da WEB e reunidas num só lugar, com algumas informações do PASSADO. CLICAR NAS IMAGENS PARA AMPLIÁ-LAS

domingo, 15 de janeiro de 2012

IMAGENS - Escola - Livro Escolar: "PROGRAMA DE ADMISSÃO"

Quatro grandes professores (verdadeiros "monstros sagrados" do livro didático nos anos 50/60) se reuniram para elaborar esta obra.

Era mais um livro destinado a preparar a "aterrorizada" e "traumatizada" garotada daqueles tempos para enfrentar o primeiro "vestibular" da vida (geralmente com 11 a 13 anos de idade): o **exame para ingressar no Ginásio** (que não tinha vaga para todo mundo), que se chamava "Exame de Admissão".



A maior parte fazia o curso preparatório (chamado de "Curso de Admissão") concomitantemente ao último "ano" do Primário (o 4º).

Os alunos que não faziam isso (ou que tivessem levado "bomba" no exame prestado anteriormente) frequentariam o cursinho durante **todo o ano seguinte** ao da formatura no Grupo Escolar (atrasando a "carreira" estudantil) para se submeter a nova seleção, que sempre ocorria no **final de cada ano letivo**.



Este "Programa de Admissão" (com mais de 500 páginas) abrangia as matérias exigidas no exame: Português (Prof. Domingos Paschoal Cegalla), Geografia (Prof. Aroldo de Azevedo), História (Prof. Joaquim Silva) e Matemática (Prof. Osvaldo Sangioni). Além das lições desses mestres, eram apresentados textos de importantes nome da nossa literatura. Veja aqui e aqui **mais matérias** sobre esse "fameigerado" evento da educação brasileira de algumas

<http://www.anosdourados.blog.br/2012/01/imagens-escola-livro-escolar-programa.html>

Este blog está com 108 edições QUINZENAIS publicadas e tem 2.144 matérias no acervo.

*Atualização do blog: todo dia 15 e 30 de cada mês.

*Clique aqui para ir à página principal.

*Endereço:
www.anosdourados.blog.br

ASSUNTO

fatos - CONSELHOS E DICAS (53)
FATOS - DIVERSOS (10)
FATOS - FUTEBOL DOURADO (12)
FATOS - MODA (79)
FATOS - PERSONALIDADES (6)
FATOS - PROGRAMAS DE TV (62)
FATOS - VAMOS AO TEATRO? (11)
FATOS - VOCÊ SE LEMBRA? (38)
FATOS = ANOS 50 (61)
FATOS = ANOS 50 e 60 (142)
FATOS = ANOS 60 (156)
IMAGENS = ALIMENTO/BEBIDA (19)
IMAGENS = ANUNCIO (124)
IMAGENS = BRINQUEDO (69)
IMAGENS = CARRO (100)
IMAGENS = CINEMA (125)
IMAGENS = DINHEIRO (15)
IMAGENS = DISCO (91)
IMAGENS = ESTANTE DE LIVROS (71)
IMAGENS = FLAGRANTES DOS ANOS 50/60 (6)
IMAGENS = GIBI (195)
IMAGENS = MATERIAL ESCOLAR (101)
IMAGENS = MOBILIÁRIO ANTIGO (12)
IMAGENS = MÚSICA (8)
IMAGENS = REVISTA (102)
IMAGENS = VELHARIA (242)
IMAGENS = ÁLBUM DE FIGURINHA (45)
VITROLA ANTIGA (75)

Este blog foi recomendado por:

- "Blog do Noblat" (Pioneiro e um dos mais importantes blogs do país)
- "Blog do Ricardo" (Arte, Cultura e Política)
- "Unlimited" (Hugo Caldas)
- "Ricardo's blog" (E outro. De tudo um pouco)
- "Meus Brinquedos Antigos" (O nome diz tudo)
- "Cestas de Natal Amara" (Quem não se lembra?)
- "eKilibris" (ecletismo com estilo)

10 Análises mais aprofundadas sobre a natureza das narrativas postadas em *blogs* podem ser encontradas em Silva (2015).

Paulo da Cruz, num texto postado no *blog Amigos de Delmiro Gouveia*, em 15 de maio de 2012, compartilha lembranças muito parecidas com aquelas narradas por Carlos Urbim em seu livro:

Falar sobre o 'Admissão ao Ginásio' leva a um forte retorno ao passado. O curso tinha a sua importância, pela revisão que fazia dos assuntos 'aprendidos' nos quatro anos do curso primário. Funcionava como uma espécie de vestibular, tanto que após o quarto ano bastava se submeter ao exame e, caso aprovado, ingressar no ginásio. Era comum haver um cursinho preparatório, no intervalo entre o encerramento das aulas no grupo escolar e o dia do exame. Eu fiz esse cursinho e tentei entrar logo no ginásio. Não obtive êxito (felizmente) no exame. Se tivesse sido aprovado provavelmente minha vida teria tomado outro rumo. Fui obrigado a cursar o admissão durante todo um ano. Minha turma era vespertina. Tinha outra turma à noite. Por aí se vê quantos estavam tentando ingressar no ginásio. (Cruz, 2012b).

Também Edmundo Ferreira da Rocha, no *site Campos do Jordão Cultura*, em 21 de junho de 2010, relata:

O exame de admissão ao ginásio era bastante temido e provocava muita instabilidade e nervosismo, tanto para nós alunos, como também para nossos pais. Era um verdadeiro tormento em nossas vidas. Aqueles que não tinham a felicidade da aprovação e imediato ingresso ao curso ginasial eram obrigados a frequentar os cursos de admissão ao ginásio. Esses cursos, com duração de um ano após a conclusão do curso primário, normalmente eram particulares, ministrados por professores especializados nas matérias exigidas. Alguns poucos cursos eram gratuitos, ministrados por professores ligados a alguma entidade, normalmente afeta à filantropia ou religião [...]. Como registro para a história, mesmo depois de decorridos mais de cinquenta anos daquela época inesquecível do curso de admissão ao Ginásio, continuo tendo a professora Elda como minha grande amiga, com a qual me correspondo quase diariamente por e-mails diversos. Atualmente reside na cidade de São José dos Campos – SP e é minha grande e dedicada incentivadora, fiel leitora das crônicas e histórias que venho escrevendo e divulgando em meu site na internet. Tempos maravilhosos e inesquecíveis que, felizmente, ainda retornam em nossa lembrança, trazendo-nos muita alegria e felicidade, como sempre, fazendo o pensamento voar rapidamente, com rumo certo às especiais estações de nossas vidas. (Rocha, 2010).

A compreensão da existência de eixos comuns em diferentes narrativas sobre os exames passa pela compreensão de que entre as lembranças e a memória, entre o singular e o coletivo, existe um plano intermediário de trocas – uma faixa de variação de distâncias entre o si e os outros. Para Ricoeur (2007, p. 142), o campo da história deve se centrar menos na polaridade entre memória individual e memória coletiva e mais na “triplíce atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros”. As lembranças, construídas por meio de variações de escalas e organizadas em níveis de sentido, integrariam dimensões da memória coletiva, assim como os esquecimentos. Memória e esquecimento seriam os níveis intermediários entre tempo e narrativa (Ricoeur, 2007), e é na narrativa que lembranças e memória, plural e singular, se articulariam.

A grande maioria das histórias em que o sujeito que conta desloca-se para a condição de estudante é marcada por lembranças felizes e saudosas de um tempo passado. Mesmo as tensões e dificuldades narradas parecem apenas valorizar ainda mais a existência dos exames e principalmente o êxito obtido, afinal em todas as histórias o desfecho é igual: todos acabaram passando no exame, mesmo que não da primeira vez. Nesse sentido, há uma diferença sensível nas narrativas feitas a partir de outro lugar social: o de docente. As lembranças das professoras entrevistadas não raro abordam as desigualdades do sistema educacional então vigente, que os exames contribuíam para reiterar, pelo próprio processo de exclusão que operavam.

A professora aposentada Isabel da Silva Lins,¹¹ que atuou em diferentes níveis de ensino e iniciou sua carreira em grupos escolares catarinenses em 1946, lembra:

O exame de admissão era como se fosse um terror que a criança pensava durante todo o tempo que ela estava no primário. Alguém dizia ‘Olha, vai ter que fazer exame de admissão para entrar para o Ginásio’ [...]. Alguns saíam do quarto ano e não voltavam mais, iam trabalhar, ajudar os pais, ajudar a família. [...] Saíam da escola. Muitos rodavam durante os quatro anos e quando chegavam ao quarto ano já estavam com 12, 13 anos e já podiam trabalhar, ganhar dinheiro. Mas outros queriam fazer, os pais queriam que fizessem o ginásio. Mas como o programa das escolas não estava verdadeiramente

11 As referências completas das entrevistas orais citadas estão ao final do artigo, na seção específica *Fontes orais*. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Udesc. A cada uma das entrevistas orais realizadas corresponde um termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

preparado para que a criança tivesse aquela base necessária, então começaram a fazer, a optar, a procurar professores particulares. É a pessoa do professor particular, e foi aí que eu entrei durante vários anos [...]. Durante vários anos, nas décadas de 50, 60, eu preparei muitos alunos para o exame de admissão. Ganhava um dinheirinho e dava o máximo de mim para que as crianças pudessem ter defesa na hora do exame. Eu achava um terror, a competição era grande e eles só tinham 10, 11, 12, 13 anos de idade e já estavam numa competição muito forte. Eu tinha pena da criança. (Isabel da Silva Lins, 2014).

Mais do que informar da pressão sofrida pelas crianças que frequentavam o curso primário em razão da iminência dos exames de admissão, a fala da professora Isabel Lins evidencia as marcas sociais e as desigualdades desse processo. Está claro que havia dois grupos distintos de crianças: um que saía da escola ao concluir o 4º ano, pois já tinha idade para trabalhar, ganhar dinheiro para ajudar a família; e outro que pretendia seguir com os estudos, no ginásio, impulsionado pelo desejo da família. As pressões exercidas sobre cada grupo eram evidentemente muito diferentes. Todavia as diversas narrativas orais e escritas daqueles que fizeram os exames indicam que mesmo dentro desse grupo havia cortes sociais importantes. Sobre as crianças que fariam os exames havia a pressão da família, a competitividade entre os colegas, as projeções sociais que marcavam tal preparação e, de modo significativo, o “terror” da reprovação. Mas essas e outras referências adquirem outros tons quando relacionadas a questões de classe/gênero/raça/etnia. Ser pobre, ser menina, ser afrodescendente, morar na zona rural etc. constituíam-se em fatores decisivos de desigualdade dentre desse grupo – condições que definiam, por exemplo, quais crianças poderiam pagar por cursos particulares, quais poderiam comprar (mesmo que de segunda mão) os livros preparatórios. Para algumas crianças, a reprovação significava atraso na escolarização, elas teriam que fazer mais um ano de cursinho e tentar novamente. Para outras, era tudo ou nada, ser reprovado significava ser excluído do processo de escolarização.

As possibilidades de interpretação do passado são ampliadas quando se trabalha com história oral e ganham ainda mais relevo quando articuladas a outras formas narrativas. Em artigo publicado em 2005, Verena Alberti¹²

12 A palestra proferida em 18 de maio de 2004, na abertura do VII Encontro Nacional de História Oral, realizado em Goiânia (GO), foi publicada em forma de artigo em 2005 na revista *História Oral*. Ver referências completas, ao final do texto.

lança algumas questões sobre as relações entre tradição oral e história oral e acaba indo além, ao destacar também os nexos entre a cultura escrita e a não escrita, bem como os diferentes níveis narrativos presentes nas variadas artes de narrar histórias, no passado e no presente. Seus argumentos, construídos principalmente com base no cinema, na literatura e na história oral, chamam a atenção para o fato de que esses diferentes níveis narrativos – irredutivelmente acompanhados de multiplicidades (de tempos, de lembranças e esquecimentos, de disputas etc.) – apresentam entrecruzamentos e realidades móveis e intercambiantes. As questões trazidas por Verena Alberti e, especialmente, a forma como ela articula cinema, literatura e história oral enfatizam (mesmo que não tenha sido o objetivo principal de sua palestra) a história como narrativa e o lugar que as variadas formas de narrar ocupam na escrita da história. Ao tratar da existência de diferentes planos narrativos, dos nexos entre a escrita e a oralidade, a autora contribui para se pensar o trabalho com a história oral na “era digital” (tema deste dossiê) e, mais ainda, a relação que o historiador estabelece com os documentos no presente, especialmente aqueles que, por suas características, evidenciam “histórias dentro da história”.

Nos últimos 40 anos, as entrevistas orais, ao lado dos documentos escritos encontrados em arquivos públicos ou privados, constituíram-se nas fontes mais comuns das operações próprias da prática histórica. Henry Rousso (1996, p. 85) chamou a atenção para o fato de que o uso de entrevistas orais e a emergência da história do tempo presente, “que implica a confrontação direta e o diálogo permanente com os vestígios vivos do passado”, descentralizaram o arquivo nos debates historiográficos. Do mesmo modo a emergência da internet (como fonte e como objeto) opera não apenas nessa descentralização mas também na própria configuração dos sentidos de “arquivo” e de “documento” na pesquisa histórica.

Paul Ricoeur (2010b, p. 198-199) isola das definições clássicas de arquivo três características principais: a primeira delas seria a remissão à noção de documento, pois os arquivos são definidos como um conjunto organizado de documentos; a segunda, seu caráter institucional, pois os arquivos resultam de uma atividade institucional ou profissional; a terceira reside no fato de que o arquivamento tem por finalidade conservar, preservar os documentos produzidos pela instituição em questão. Nessa direção, a conservação faz do arquivo um “depósito autorizado” de documentos. Volta-se à ideia de que a noção de documento está contida na de arquivo; logo, a refiguração da noção de arquivo implica deslocamentos importantes na ideia de documento, que

perde seu caráter de prova material, seu lugar de garantidor da verdade em história. A crítica da noção de documento passa a ir além da suspeição de sua natureza e finalidades: ela assume principalmente a tarefa de descobrir o *monumento no documento*, as condições de sua produção, seleção e preservação – o que envolve inclusive pensar no papel ocupado pelo historiador nesse processo. Jacques Le Goff (2003, p. 103) declara com contundência: é a prática histórica que “transforma os *documentos* em *monumentos*”.

Tais deslocamentos e refigurações de sentido na noção de “arquivo” e de “documento” na pesquisa histórica ressoariam na evidenciação das dimensões retórica e narrativa da história, que obrigaria os historiadores “a abandonar a certeza de uma coincidência total entre o passado tal como aconteceu e a explicação histórica que o sustenta” (Chartier, 2009, p. 11-12). O “passado tal como aconteceu” seria uma das aporias do tempo da epistemologia da operação historiográfica, pois lidaria com as condições de possibilidade (no sentido existencial) da representação presente do passado ausente no discurso histórico (Ricoeur, 2007). Mas a história revela sua capacidade de refigurar o tempo, trabalhando para solucionar essa aporia ao inventar e usar certos “instrumentos de pensamento”, como o calendário, a ideia de sequência das gerações (predecessoras, contemporâneas e sucessoras) e principalmente o recurso a arquivos, documentos e vestígios. Para Ricoeur (2010b, p. 176), esses instrumentos desempenham o notável “papel de conectores entre o tempo vivido e o tempo universal. Nesse sentido, demonstram a função poética de história e trabalham para a solução das aporias do tempo”. Encadeados, esses instrumentos de pensamento resultariam numa das grandes classes de discurso narrativo: a historiografia. Diferentemente da narrativa de ficção, outra grande classe de discurso, a narrativa histórica constrói-se considerando que os acontecimentos narrados efetivamente ocorreram. Mesmo que o passado “só possa ser alcançado no presente do passado, isto é, através dos vestígios do passado que se tornaram documentos para o historiador, não deixa de ser verdade que o passado ocorreu” (Ricoeur, 2010a, p. 139).

Neste artigo, as diferentes formas de narrar são compreendidas como vestígios do passado. Esses vestígios adquirem valor de documento porque contribuem para dotar de inteligibilidade práticas culturais relevantes para a pesquisa em andamento (ver nota 4), como a atribuição de sentidos à experiência da escolarização num determinado período histórico, ao ensino de história do Brasil, aos usos de livros didáticos, aos protocolos de leitura e às práticas escolares preparatórias para os exames de admissão ao ginásio.

A incorporação de vestígios localizados no espaço virtual e hiperconectado da internet pelos historiadores confirma que a “caça ao documento não cessou de anexar zonas de informação cada vez mais distantes do tipo de documento ligado ao fundo de arquivos já instituídos, ou seja, dos documentos conservados em função de sua suposta utilidade” (Ricoeur, 2010b, p. 200).

Trabalha-se aqui com narrativas de naturezas diferentes. As postadas em *blogs* foram criadas pela necessidade de escrita de si e integram suportes que alargaram ainda mais os gêneros textuais que contêm reinvidicações do eu. As escritas de si não são invenções da internet, são gêneros textuais que existem muito antes das redes sociais. O que ocorre é que a partir das redes essa necessidade parece se desdobrar sem limites. A esfera digital como espaço de virtualidade hiperconectado provocou mutações significativas nas formas de narrar a vida e nas relações estabelecidas entre a escrita e a oralidade. As narrativas postadas em *blogs* e *sites* pessoais selecionadas são híbridas, mistos de diários e crônicas, combinam oralidade, escritura, imagens, realidades vividas e imaginadas (Silva, 2015).

As narrativas orais resultam de interpelação direta do historiador ao narrador. O pesquisador provocou perguntas e estabeleceu um diálogo sobre um tema específico, no caso os exames de admissão ao ginásio, e o narrador contou histórias sobre esse tempo, construiu um relato selecionando aspectos que considerou importantes, desconsiderando outros, lembrando de algumas passagens e eventos, ocultando e/ou esquecendo outras. Suas escolhas, conscientemente ou não, foram feitas em relação às expectativas criadas pelas perguntas e, claro, às percepções construídas sobre o pesquisador e seu tema de pesquisa. A narrativa “só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo” (Portelli, 2010, p. 19) e, nesse sentido, é criação também daquele que entrevista, que estimula e provoca a rememoração de experiências de um tempo passado. Por isso a narrativa oral é um gênero de discurso multivocal, “resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo” (Portelli, 2010, p. 20).

As histórias de Carlos Urbim, contadas no livro infantil *Admissão ao ginásio*, são mistos de memórias e imaginação. São ficção, mas também contêm lembranças de ocorridos, de vivências do autor. Pode-se dizer que esses relatos – assim como as narrativas postadas nos *blogs* e, em alguma medida, as narrativas orais – combinam lembranças do que ocorreu e expressões daquilo que o narrador imagina que ocorreu, daquilo que gostaria que tivesse ocorrido. Mas é claro que, diferentemente das narrativas em primeira pessoa dos *blogs* e das entrevistas orais, as memórias de Carlos Urbim estão num suporte

impresso, um livro de literatura destinado a crianças. Pertencem, portanto, a outro gênero narrativo: a ficção.

À parte suas diferenças, essas narrativas têm em comum o fato de que são formas de contar histórias que reúnem acontecimentos, situações, imprevistos, ações, realizações etc. A narrativa traz a reflexão sobre o vivido, que já não é o mesmo de quando foi vivido, ele é recontado, reconfigurado no agora (presente) distanciado do passado. Histórias contadas em entrevistas orais e escritas, postadas em *blogs* ou publicadas em forma de literatura evidenciam a necessidade transcultural que os seres humanos têm de narrar. São formas de tornar acessível a experiência humana do tempo. Os seres humanos têm uma identidade narrativa, em que relato e vida reconciliam-se, “*ya que la propia lectura es ella misma una manera de vivir en el universo ficticio de la obra; en este sentido, ya podemos decir que las historias se narran, y también se viven imaginariamente*” (Ricoeur, 2006, p. 16-17, grifo no original). A diferença entre vida e ficção é suprimida parcialmente por meio de variações imaginativas quando tentamos alcançar uma compreensão narrativa de nós mesmos e usamos para isso referências das tramas às quais temos acesso em nossa cultura. A identidade narrativa¹³ está situada em meio a esse processo de se reinventar, de se reinterpretar como história.

Artes de lembrar e de contar histórias: livros, autores e leitores

*É principalmente na narrativa que se articulam
as lembranças no plural e a memória no
singular, a diferenciação e a continuidade.*

(Ricoeur, 2007, p. 108)

Nos *blogs* selecionados, no livro de Carlos Urbim e também nas entrevistas orais, dois livros preparatórios para os exames são muito citados. A forma como eles aparecem nessas narrativas fornece pistas de práticas culturais importantes, como maneiras de ler e de estudar, por exemplo. Segundo

13 Ricoeur (2006) define a subjetividade como identidade narrativa. Para ele, a subjetividade não é nem uma série incoerente de acontecimentos, nem uma substância imutável ou inacessível do devir. Cada sujeito reinterpreta a identidade narrativa que o constitui a partir dos relatos propostos pelo mundo social e cultural em que habita.

Chartier (2011, p. 78), as práticas de leitura “situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido”. Nesse sentido, a reflexão sobre as práticas não pode ser separada do suporte material que lhes dá sentido. Por essa razão, trazem-se aqui alguns aspectos da materialidade dos livros que aparecem nas narrativas citadas.

Figura 3 – Capa da 2ª edição de *Programa de admissão* (Companhia Editora Nacional), de 1956

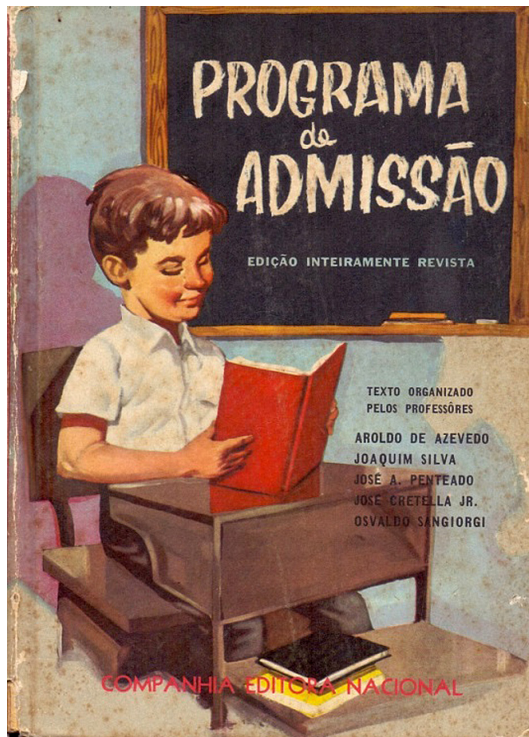
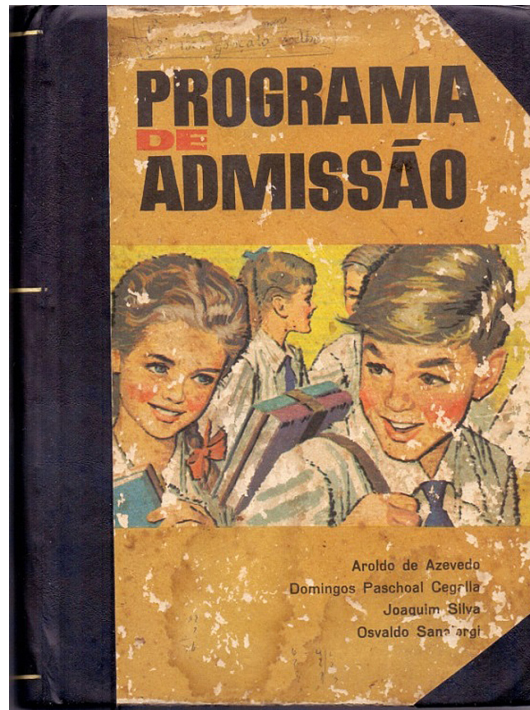


Figura 4 – Capa da 12ª edição, de 1965



O livro *Programa de admissão* teve a sua primeira edição publicada pela Companhia Editora Nacional em 1956. Ele é assinado pelos professores Aroldo de Azevedo (geografia do Brasil), Joaquim Silva e José de Arruda Penteadó (história do Brasil), José Cretella Júnior (português) e Osvaldo Sangiorgi (matemática).¹⁴ A Companhia Editora Nacional foi fundada em 1925, fruto de uma associação comercial entre José Bento Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira. No início dos anos 1930 já liderava o mercado editorial de São Paulo, e na segunda metade dessa mesma década passaria a liderar o mercado nacional. Seu crescimento ocorreu paralelamente ao desenvolvimento do ensino secundário, devido à ampliação da rede de ginásios, intensificando-se na década de 1950, com a criação de novas escolas (Hallewell, 2005).

14 Faz-se necessário informar que houve alteração de alguns autores ao longo das edições desse livro. Por exemplo, na 12ª e na 19ª edição, Joaquim Silva assina sozinho a área de história do Brasil, e o nome de José Cretella Júnior é substituído pelo de Domingos Paschoal Cegalla na área do português.

A capa do *Programa de admissão* era dura e o formato pouco se alterou nas diferentes edições localizadas na pesquisa (2^a, 3^a, 5^a, 12^a e 19^a): a 2^a e a 3^a edição têm 13cm x 19cm e as demais, 14cm x 20cm; já o número de páginas variou entre 350 e 516 páginas entre a 2^a e a 19^a edição. A primeira edição, em 1956, teve 50 mil exemplares. No mesmo ano foi publicada a segunda edição, com o dobro de exemplares. Três anos depois, a quinta edição, de 1959, teve tiragem de 150 mil exemplares.

Uma pesquisa realizada no Centro de Memória e Pesquisa Histórica do Departamento de História da Unifesp (Guarulhos – SP) – que possui o acervo documental da Companhia Editora Nacional – indica que o livro *Programa de admissão* pode ser uma reelaboração de outra obra que já constava no catálogo da editora em 1931, sob o título de *Exames de admissão*. A primeira experiência do professor Joaquim Silva¹⁵ como autor na editora foi na escrita da parte relativa à história do Brasil para esse livro. Segundo Arnaldo Pinto Jr. (2010, p. 119), a participação de Joaquim Silva nessa obra acabou por projetar seu nome em todo o Brasil e credenciá-lo para outras publicações de “história da civilização” e história do Brasil. No novo livro, porém, publicado em 1956, assinava com ele a organização dos conteúdos de história do Brasil o professor José de Arruda Penteado, que à época do lançamento desse livro estava à frente da redação da revista *Atualidades Pedagógicas*, projeto pertencente à editora. O nome de José Arruda Penteado já não aparece na 12^a edição do livro, apenas o de Joaquim Silva, como se pode perceber na comparação entre as figuras 3 e 4.

Em 1968 saíria a 18^a edição, que teve tiragem de cerca de 250 mil exemplares (Valente, 2008, p. 33), o que corrobora a afirmação de que o livro era um sucesso de vendas. A 22^a edição da obra foi publicada em 1970. Mesmo após a aprovação, em 1971, da Lei nº 5.692, que extinguiu os exames, o livro seguiu sendo impresso, em parceria com o Instituto Nacional do Livro (INL),¹⁶ como foi possível observar em duas correspondências trocadas entre a Companhia Editora Nacional e a São Paulo Editora S/A Estabelecimento Gráfico, datadas de 10 de dezembro de 1971.¹⁷ Numa das correspondências

15 O nome do professor Joaquim Silva foi sinônimo de livros didáticos de história produzidos para o ginásio entre as décadas de 1930 e 1960 (Hallewell, 2005; Pinto Jr., 2010).

16 O Instituto Nacional do Livro foi criado em 1929 com o objetivo de dar maior legitimidade à edição e circulação do livro didático nacional. A partir de 1970, a Portaria nº 35 (de 11/3/1970) do Ministério da Educação implementa o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do INL. Ver Histórico (s.d.).

17 A referência completa do documento se encontra no final deste artigo.

a gráfica declarava ter imprimido mais 50 mil exemplares do livro e, na outra, mais 70 mil, conforme o solicitado.

Além do percurso editorial, o estudo desses livros deve considerar tanto a ortodoxia do texto – as estratégias usadas pelos autores e editores para impor um itinerário de leitura – quanto as inventividades dos leitores (Chartier, 1990). Nessa direção, as narrativas selecionadas para a pesquisa informam que embora os livros que preparavam para os exames seguissem um protocolo de leitura, eles ultrapassaram sua finalidade original, pois, mesmo após 1971, foram usados de diferentes maneiras por professores e alunos no cotidiano escolar: aplicação de textos e exercícios no preparo das aulas, no caso dos professores; estudo dos conteúdos como preparação para as provas escolares e para concursos públicos, no caso dos estudantes.

Figura 5 – Capa da 351ª edição de *Admissão ao ginásio* (Editora do Brasil S/A), de 1961

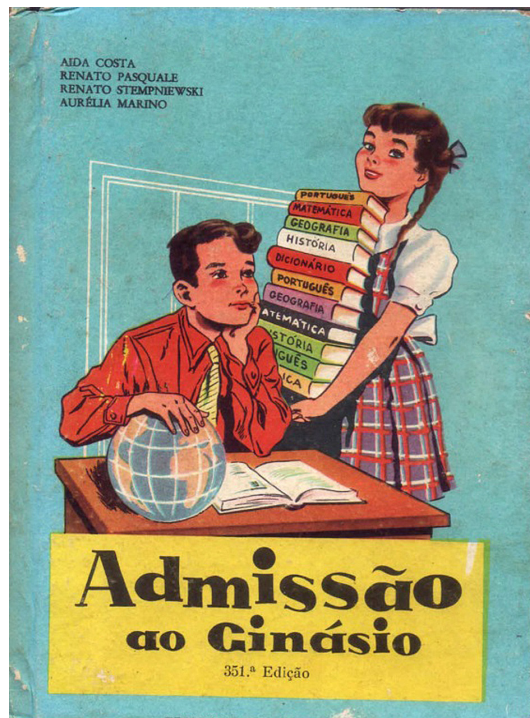


Figura 6 – Capa da 548ª edição, de 1969



O livro *Admissão ao ginásio* foi publicado pela Editora do Brasil S/A, com provável lançamento entre 1943 e 1949. Seus autores são Aída Costa (português), Marcius Brandão (matemática), Aurélia Marino (história do Brasil) e Renato Stempniewski (geografia do Brasil). A Editora do Brasil foi fundada em 1943, quando três autores de livros didáticos e mais um dos funcionários da Companhia Editora Nacional deixaram a empresa e fundaram a sua própria editora (Hallewell, 2005), voltada para a divulgação de obras didáticas. Conforme pesquisa realizada por Katya Braghini (2010, p. 13), na ata de fundação da editora explicita-se que a casa teria “especial cuidado à edição e à divulgação de obras didáticas de caráter cívico, de real valor”. Ao contrário de Joaquim Silva, a autora que assina os conteúdos de história do Brasil, Aurélia Marino,¹⁸ não tinha projeção nacional na autoria de livros de

18 Por meio de pesquisa na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, sabe-se que Aurélia Marino atuou como professora do Departamento de Educação de São Paulo, tendo trabalhado inclusive no Ginásio

história. Até o momento, não foi possível verificar outros livros de sua autoria, seja no catálogo da editora, seja em bases de dados de livros didáticos, como o Livres.¹⁹

O livro *Admissão ao ginásio* certamente pode ser considerado um caso excepcional em relação ao número de edições. Em 1949 o livro consta do catálogo da editora, sem menção ao número da edição. Em 1954 já estava na 86ª edição²⁰ e em 1958, na 180ª edição. Até o momento, três exemplares compõem o acervo da pesquisa: a 351ª edição, de 1961, a 534ª, sem data no exemplar, e a 548ª, de 1969. A edição de nº 351 tem 14cm x 18cm e as demais edições têm 15cm x 21cm, capa dura. Também se alterou o número de páginas: a 351ª tem 414 páginas e as demais edições, 524. Os exemplares localizados na pesquisa não trazem informação quanto à tiragem. Essas informações ainda precisam ser obtidas,²¹ bem como a localização de outras edições.

Tanto no *Programa de admissão* quanto no *Admissão ao ginásio* cada área de saber era composta de textos, imagens (em preto e branco e coloridas) e exercícios. Essas obras, que tiveram dezenas de edições e milhares de exemplares impressos, aparecem como índices de memória significativos em diferentes narrativas orais e escritas sobre os exames. Carlos Urbim (2008), por exemplo, dedica parte importante de sua narrativa a descrever o livro usado para a preparação. O livro é quase um personagem da história, apresentado em detalhes nas páginas 17 a 21, incluindo-se uma reprodução da capa da 186ª edição, de 1958 (a capa é igual à da figura 3).

Dona Vilma levanta o *Admissão ao Ginásio* para os alunos verem bem. E diz com seu jeito suave mas enérgico: – Pois bem, meus queridos, hoje é nove de março. Até dezembro vocês devem viver agarrados neste livro. Tudo o que está aqui pode cair nas provas escritas e orais. Carlos já conhece

Paulistano, nas décadas de 1930 e 1940. Foi também sócia-fundadora da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo (fundada em 1936 e encerrada em 1939).

19 Livres – Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros, projeto coordenado pela Prof.ª Dr.ª Circe Bittencourt. O acervo está localizado na biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pode ser consultado em: <<http://www2.fe.usp.br:8080/livres/#>>.

20 Exemplar disponível no catálogo do Livres.

21 Documentos referentes à Editora do Brasil relativos ao período de edição desse livro ainda não foram localizados. Foram feitos contatos por telefone e por e-mail com a editora ao longo de 2014 e 2015, mas não houve sucesso quanto a informações concretas sobre a localização desse arquivo. No segundo semestre de 2016 será realizada uma pesquisa na Revista da Editora do Brasil, publicação mensal ativa de 1947 a 1990, com o objetivo de buscar mais informações sobre o período em que o livro foi editado.

pelo menos as primeiras páginas. O exemplar dele é do ano passado, que a mãe comprou da vizinha para economizar. Mesmo usada a edição de 1958 vem com novos textos para leitura, 14 gravuras coloridas para exercício de composição, notas bibliográficas históricas e pequeno Atlas Geográfico. (Urbim, 2008, p. 20).

Paulo da Cruz, além de escrever sobre o curso preparatório e seus professores no *blog Amigos de Delmiro Gouveia*, posta uma foto da capa do livro (capa igual à da figura 3) e escreve:

O livro que estudávamos era massudo. Tinha capa dura, amarela e era dividido em quatro partes: português, matemática, geografia e história. Quando já estava cursando o segundo grau tive a oportunidade, junto com Abrahão, de ministrar um desses cursos preparatórios [...]. Como livro era coisa rara, e era necessário para acompanhar o curso, o aluno utilizava o expediente de comprar o que já tinha passado. Quem podia comprava na loja do Seu Zé Maria, comerciante de tecidos e outras mercadorias, além de proprietário do Cine Real, que os adquiria em Recife e os repassava a moçada. Ele vendia além do livro do Admissão ao Ginásio os outros livros para todo o curso ginásial. Lembro que passei todo o ginásio comprando os livros do Zé Maria e imediatamente colocando uma capa, para não sujar, com o objetivo de vendê-los no início do ano seguinte. Como eu tinha muito cuidado com meus livros, hábito que carrego até hoje, tinha sempre pessoas interessadas. Tinha até freguesa certa, uma garota muito inteligente que morava no Desvio e cujo pai tinha uma mercearia por lá. (Cruz, 2012a).

Antônio Morais inicia o texto *Nos anos 60!*, postado no seu *blog* em 21 de janeiro de 2013, com a imagem da capa do livro *Admissão ao ginásio* (a mesma da figura 4), e escreve:

O meu livro era de pelo menos oitava mão, ou seja, já havia passado por oito antes de mim. Todas as figuras estavam riscadas, bigodes, óculos, até chifres nas fotos havia. (Morais, 2013).

Graça Cantalino, em 4 de setembro de 2012, ao comentar o texto de Márcio Lima (publicado no *blog Marcionline*), escreveu:

Uma lembrança deliciosa do meu livro, lido e relido, passado de mão em mão, como devem ser os livros úteis. Lembro que um colega da minha turma naquela época decorou todos os textos, é sério... Ele sabia todos. Qualquer um daqueles poderia ser sorteado na prova. Demais! (Cantalino, 2012).

Entrevistada, a professora aposentada Lea Palmira e Silva lembra que o livro (pela descrição, depreende-se que seja o *Admissão ao ginásio*, figura 4) lhe dava pavor:

Era um livro bem grosso que todo mundo já sabia que era pro exame de admissão, porque era o livro que a gente tinha que estudar e era um calhamaço de um livro, era português, matemática, geografia, conhecimentos gerais, tudo ali, naquele livro, era uma sabatina, e a gente tinha aquela coisa de estudar, estudar aquele livro pra entrar no ginásio [...]. O que eu realmente tenho bem em mente era pavor daquele livro, porque eu acho que não tinha ninguém que dissesse assim... Não, não tinha, porque um livro tão pesado que a gente tinha que carregar, e que, assim, que dava aquele pavor não só na gente, mas em todos os colegas. (Lea Palmira e Silva, 2013).

Todas as narrativas selecionadas para a pesquisa (neste artigo apenas algumas foram privilegiadas) evidenciam respeito e admiração pelos livros usados para a preparação dos exames. Algumas, como a da professora Lea, destacam o volume do livro e a grande responsabilidade de estudá-lo, ou melhor, de dar conta de todos os seus conteúdos, memorizando-os para as provas. Outras sublinham que os livros eram “completos”, pois continham “todos os conteúdos” necessários. Aliás, essas narrativas reforçam o quão merecida foi a aprovação nos exames, pois, sob a luz da lua, de lampião ou de vela, os narradores dessas histórias não deixavam de estudar e fazer os exercícios dos livros.

Lembranças das provas, dos conteúdos e das práticas de estudo são descritas em detalhes no *site O baú de Macau*:

Difíceis eram as provas de geografia que o Doutor José Olavo preparava. Era de ‘tremar nas bases’: decór e salteado todos os países e capitais de todos os continentes e nomes e localização dos principais rios, montanhas e cordilheiras. [...] A prova de geografia era escrita e oral. Na prova oral,

20 pontos para sorteio e que o candidato falasse tudo do assunto. Na prova escrita 10 perguntas, valendo cinco pontos e uma dissertação de mais cinco. A prova de história, da mesma maneira, nome dos bandeirantes, navegadores portugueses, localização das tribos indígenas, e muitos outros assuntos. A examinadora, Professora Anaíde Dantas, era simpática, mas exigente. Já a prova de Português, era gramática com análise sintática de uma frase valendo cinco pontos e uma dissertação com o tema escolhido na hora do exame. O exame de admissão ao ginásio era um mini vestibular. Foram muitas noites de sono sob a luz do candeeiro ou lamparina e ausência de festas, tudo para estudar e ter meu sonho realizado. E também tinha as ‘simpatias’ para saber qual seria o ponto sorteado da dissertação. Escrevamos os títulos dos pontos em pedaços de papel e aleatoriamente jogávamos no quintal e o que a galinha bicasse seria o ponto escolhido para dissertação. (Teixeira, 2012).

Nesse território das narrativas digitais, os leitores, além de darem seu próprio significado ao texto, participam dele, reelaboram-no a partir de suas expectativas. A postagem de Antônio Moraes no seu *blog*, por exemplo, teve 15 comentários, uns elogiando, outros corrigindo informações, mas a maioria acrescentando mais detalhes à história e interagindo com outros “leitores/autores” que também haviam postado comentários. Dentre as histórias acrescentadas a essa postagem, uma se destaca, pelas lembranças relativas à prova de história e pela escrita marcada pela oralidade:

Não sei se você lembra, mais no dia da Prova de História, a Silvana do Dr. Colares, que era revisada por sua Mãe a cada prova, quando foi fazer perguntas sobre o ponto: ‘A GUERRA DO PARAGUAI’ ela havia perdido a folha com o ponto. Aí, Inez correu pra sua casa, encontrou Chiquinho e ele assustado perguntou?: O que foi d.Inez? E ela: ‘pois seu Chiquinho, esta cabrita perdeu a ‘GUERRA DO PARAGUAI’ kkkkkkkkkkkkkkkk. (Fideralina, 2011).

Os textos e comentários dos *blogs* trazem memórias que se aproximam daquelas observadas em entrevistas orais com professoras aposentadas. Dona Elvira Andreatta dos Santos, professora aposentada de 70 anos, relata como estudava no livro *Programa de admissão* (capa da figura 4) e como ele foi importante para sua aprovação nos exames:

Se você olhar o conteúdo desse livro, quem soubesse tudo que tem nesse livro em matemática e português, na época – claro que as coisas mudaram, né, a gramática e tudo... mas era assim, quem soubesse isso ali, podia contar que sabia muita coisa mesmo. E daí eu estudei o livro sozinha, durante as férias. Eu ficava estudando durante o dia; até eu lembro que às vezes à noite eu me sentava na rua – nós morávamos no sítio –, eu me sentava lá e com a luz da lua eu conseguia ler esse livro. Eu lia o livro e marcava página por página que estava lendo. [...] Fazia os exercícios pra ver se conseguia e quando prestei o exame de admissão elas até se admiraram [...]. As professoras perguntaram de onde que eu tinha vindo, pela prova que eu fiz. (Elvira Andreatta dos Santos, 2015).

Perguntada sobre os conteúdos de história do Brasil, dona Elvira admite que se lembra pouco do que foi cobrado nos exames, porém recorda:

[...] no próprio livro ali você pode pegar o livro e ver que eram aqueles assuntos que estão no livro, que era a história toda do Brasil, as regências... aquela parte do Brasil Império, depois do Brasil República, né... aquilo ali era o foco da época. Não se valorizava assim a história 'viva', ficava-se na história 'passada', no estudo daquilo que já tinha passado. Hoje em dia o bom professor de história também compara com a história atual; ele tem que trazer pra escola aquilo que está acontecendo no momento e fazer, assim, uma comparação com o que já aconteceu, com o que já passou. Mas naquela época, não. Focava-se mais nessa parte. (Elvira Andreatta dos Santos, 2015).

A professora Isabel Lins traz aspectos relativos ao caráter conteudista da elaboração das provas:

Caía desde o descobrimento do Brasil, caía tudo até a proclamação da república, caía tudo. [...] O português era a descrição com a gravura e depois a parte de gramática. Gramática separada, parte de gramática. Aí era substantivo, adjetivo, advérbio, pronome, conjunção, até conjunção, caía tudo ali. O aluno tinha que saber desde o substantivo, artigo, pronome, verbo, advérbio, conjunção, a gente tinha que preparar em tudo, todas as classes, categorias – chamava de categorias gramaticais, depois passou para classes de palavras. De vez em quando eles mudam o nome, né? (Isabel da Silva Lins, 2014).

Carlos Urbim assim descreve a preparação para os exames:

Carlos, cansado, os olhos ardendo, não sabe como melhorar da dor de cabeça para responder tantas perguntas na sabatina de História. Qual o grande descobrimento de Vasco da Gama? Quais os planos de Dom Manoel, o Venturoso? Por que tanto receio das ‘calmarias’? Como sabemos dos fatos havidos na expedição de Pedro Álvares Cabral? Onde fica o Monte Pascoal? A terra descoberta pelos portugueses era habitada? Quais os primeiros nomes que deram ao Brasil? (Urbim, 2008, p. 35).

Encontrar vestígios de práticas de leitura do passado distante ou recente não é algo fácil. Chartier (2011, p. 96) chama a atenção para algo importante: relatos sobre práticas de leitura evidenciam a dificuldade de separar “o que é uso comum e hábito social, exemplaridade social e especificidade individual”. É necessário outro enfoque, um retorno ao livro, ao impresso, a fim de que se possa encontrar também marcas de leitura. Os livros que fazem parte do acervo da pesquisa exibem poucos vestígios de uso: são anotações tímidas às margens de algum conteúdo específico a estudar, alguns poucos trechos sublinhados, quase sempre a lápis, poucos exemplares identificados com nomes de seus usuários.

Por meio dos relatos depreende-se que era prática comum a compra de livros usados, que, em sua maioria, seriam vendidos no ano subsequente (caso não houvesse irmão menor que fosse usá-los). Paulo da Cruz, num comentário de 29 de julho de 2012, dialogando com outros comentaristas e, ao mesmo tempo, complementando seu próprio texto postado no *blog Amigos de Delmiro Gouveia* em 15 de maio de 2012, escreve:

Normalmente em setembro já começava a ser sondado quanto a possibilidade de realizar a sua venda, ao final do ano. A venda de livros era comum em DG [Delmiro Gouveia] naquela época. Além de ajudar a comprar os livros para o ano seguinte evitava que os antigos ficassem sem utilidade, na falta de um irmão mais novo na fila de espera. Livro escolar é para ser usado, quanto mais se usa mais ele cumpre seu papel de disseminador de conhecimentos. (Cruz, 2012b).

Como os livros seriam vendidos, os usuários tinham cuidado com o manuseio, pois uma boa apresentação garantiria a venda por melhor preço.

A despeito da escassez de marcas de leitura que se somem aos relatos, acredito que narrativas como essas contribuem de modo importante para que o historiador possa pensar sobre os diferentes usos dos livros didáticos e sobre os sentidos a eles atribuídos por uma determinada comunidade de leitores.

Considerações finais

Os livros aparecem nos textos escritos postados nos *blogs* e *sites*, nas memórias de Carlos Urbim e nas falas das professoras na forma de representações que se articulam em diferentes escalas com práticas de leitura e outras práticas escolares. Com base nesses vestígios é possível pensar que esses livros, entre os anos 1950 e 1970, eram lidos em silêncio, individualmente, mas também em voz alta, com trechos recitados para a professora; eram lidos na escola, principalmente, mas também em casa. Mais que lidos, porém, eles eram estudados, eram “decorados”. Os exercícios, copiados no caderno e resolvidos à exaustão, serviam a práticas de memorização dos conteúdos. Havia um itinerário de práticas a ser percorrido por aqueles que se preparavam para os exames por meio dos livros e cursinhos. É sobretudo para se pensar os sentidos atribuídos a essas práticas culturais por diferentes sujeitos, no presente, que os relatos apresentados aqui podem contribuir.

As narrativas apresentadas em diferentes suportes – livro, *blogs*, *sites* e entrevistas orais – são marcadas por algumas características comuns. Os narradores, rememorando sua condição de estudantes ou de professores, enfatizam questões como a pressão para passar nos exames, a conseqüente ansiedade em relação ao volume de conteúdos que precisavam estudar, as condições nem sempre ideais de estudo e a atribuição de importância à aprovação, o que dá a ler a constituição de si como vencedores. Eles parecem também valorizar o caráter enciclopédico dos livros utilizados na preparação para os exames de admissão. Veem no tempo passado um período melhor que o presente em relação à qualidade dos estudos, relacionada imediatamente à quantidade de conteúdos que se devia estudar.

Também chama a atenção o fato de dois livros didáticos, *Programa de admissão* e *Admissão ao ginásio*, terem se convertido em índice de memória muito valorizado por essa comunidade de leitores; alguns guardam seus livros até hoje, como Anísia Junkes Petri, professora aposentada de Rio do

Sul. Outros solicitam ajuda por meio de comentários em *blogs* e *sites* para adquiri-los no presente.

Outro aspecto a ser destacado é que os livros inicialmente destinados à preparação para os exames de admissão ao ginásio acabaram tendo outros usos que transcenderam o objetivo inicial. Dados sobre a impressão e circulação desses livros mesmo após a extinção dos exames em 1971, bem como relatos orais e outros postados em *blogs*, dão conta que os livros acabaram se constituindo em material de preparação de aulas, em material de estudo de alunos que queriam revisar conteúdos para melhor se prepararem para os exames curriculares. Há referência de que os livros também foram usados para preparação para concursos públicos. Ainda há muito que investigar sobre esse campo e as questões devem ser aprofundadas, pois as memórias sobre os exames de admissão certamente trazem indícios dos diferentes usos e das significações produzidas pelas práticas de leitura.

Diversos pesquisadores têm reiterado o papel dos livros didáticos na manutenção de discursos fundadores de valores hegemônicos relacionados a uma determinada memória em detrimento de outras possíveis (Bittencourt, 2008; Gatti Jr., 2004; Munakata, 2012). Gabriela Ossenbach destaca que os manuais escolares são parte integrante do patrimônio histórico educativo, em razão não apenas da memória individual, da forma como cada um se lembra dos usos desses livros em seu percurso escolar, mas também da memória coletiva, pelo seu “*gran poder para representar las expectativas y mentalidades colectivas de las sociedades escolarizadas*” (Ossenbach, 2010, p. 117). É fundamental, portanto, discutir a dimensão desses impressos como lugares de memória e como formadores de identidades, evidenciando saberes já consolidados e aceitos socialmente como as “versões autorizadas” da história do Brasil, reconhecidos como representativos de uma história comum. Além disso, as pesquisas desenvolvidas sobre o tema apontam o papel central representado pelo livro didático na história das práticas de leitura no Brasil, devido à posição hegemônica que ele ocupa no processo de ensino e aprendizagem, à intensidade de seu uso e à obrigatoriedade de seu manuseio em diferentes espaços escolares ao longo da história (Lajolo, 1999).

Textos postados em *blogs* e *sites* permitem ainda outras considerações sobre a relação entre leitor e autor e sobre práticas de leitura no presente. O mundo dos textos digitais alterou a relação entre autor e leitor, pois se observam intervenção e recriação das histórias por parte dos leitores, por meio dos seus comentários. Os fluxos do tempo se alteraram, pois as

temporalidades dessas histórias são múltiplas, alternando presentes e passados de modo dinâmico, rápido, num texto escrito com traços de oralidade. Cultura escrita e cultura oral aparecem nessas narrativas em planos móveis e intercambiantes.

Em suas diferenças, limites e possibilidades, as questões privilegiadas neste artigo dão conta que os mundos do texto, do leitor e do autor estão irremediavelmente interligados, pois se uma história pode ser contada, lida, interpretada, é porque ela já “está, desde sempre, simbolicamente mediaticizada” (Ricoeur, 2010a, p. 100). Interpretar histórias é também identificar-se com elas, é seguir configurando e refigurando modos de existir no mundo, de compreendê-lo, de compreender-se. Narrativas de diferentes naturezas são fontes documentais imprescindíveis para se pensar as relações estabelecidas entre passado, presente e futuro, posto que evidenciam as dimensões subjetivas das vinculações entre determinados sujeitos e acontecimentos passados, bem como da seleção e reelaboração desses acontecimentos na produção de memórias.

Referências

ABREU, Jaime. A educação secundária no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 86, n. 212, p. 39-84, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/849/824>>. Acesso em: 12 jul. 2016. (Publicado originalmente na *RBEF*, v. 23, n. 58, p. 26-104, abr./jun. 1955).

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *História Oral*, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=113&path%5B%5D=108>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

AMELANG, James S. Presentación – Dossier: De la autobiografía a los ego-documentos: un fórum abierto. *Cultura Escrita & Sociedad*, n. 1, p. 17-18, set. 2005.

AZEVEDO, Aroldo de; SILVA, Joaquim; PENTEADO, José de A.; CRETELLA JR. José; SANGIORGI, Osvaldo. *Programa de admissão*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. _____. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

AZEVEDO, Aroldo de; CEGALLA, Domingos Paschoal; SILVA, Joaquim; SANGIORGI, Osvaldo. *Programa de admissão*. 12. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. _____. 19. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRAGHINI, Katya M. Z. *A “vanguarda brasileira”: a juventude no discurso da Revista da Editora do Brasil S/A (1961-1980)*. 354 p. Tese (Doutorado em Educação) – PUC/SP, São Paulo, SP, 2010.

BRASIL. *Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931*. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____. *Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942*. Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 12 jul. 2016.

CANTALINO, Graça. [Comentário à postagem “Admissão ao ginásio”]. *Marcionline*, 8 set. 2012. Disponível em: <<http://marcionlinehoje.blogspot.com.br/2009/05/entre-1931-e-1971-as-criancas.html?showComment=1347147856241#c8561756121852871005>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 5. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 77-105.

CHERVEL, André. A história das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COSTA, Aída; BRANDÃO, Marcius; STEMPNIEWSKI, Renato; MARINO, Aurélia. *Admissão ao ginásio*. 351. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1961.

_____. _____. 534. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, [s.d.].

_____. _____. 548. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1969.

CRUZ, Paulo da. Admissão ao Ginásio. *Amigos de Delmiro Gouveia*, 15 maio 2012a. Disponível em: <<http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/2012/05/delmiro-gouveia-lembrancas-dos-tempos.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____. [Comentário à postagem “Delmiro Gouveia: lembranças dos tempos do ‘Admissão’ (anos 60/70)”]. *Amigos de Delmiro Gouveia*, 29 jul. 2012b. Disponível em: <<http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/2012/05/delmiro-gouveia-lembrancas-dos-tempos.html?showComment=1343564121854#c207861677488890772>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso J. O ensino secundário em Santa Catarina: da instituição da República à Era Vargas (à guisa de introdução). In: DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso J. (Org.). *O tempo dos ginásios: o ensino secundário em Santa Catarina (final do Século XIX, meados do século XX)*. Campinas: Mercado de Letras; Florianópolis: Editora Udesc, 2007. p. 13-26.

FIDERALINA. [Comentário à postagem “Nos anos 60!”]. *Blog do Antonio Morais*, 22 maio 2011. Disponível em: <<http://blogdosanharol.blogspot.com.br/2011/05/nos-anos-60.html?showComment=1306088906982#c5366975957699663995>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

GATTI JR., Décio. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru: Edusc, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2005.

HISTÓRICO. [s.d.]. *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

IMAGENS – Escola – Livro escolar: “Programa de admissão”. *Anos Dourados: Imagens & Fatos*, 15 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.anosdourados.blog.br/2012/01/imagens-escola-livro-escolar-programa.html>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

LAJOLO, Marisa. Projeto memória de leitura: pressupostos e itinerários. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 79-100.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Márcio A. Admissão ao ginásio. *Blog marcioonline*, 01/05/2009. <http://marcionlinehoje.blogspot.com.br/2009/05/entre-1931-e-1971-as-criancas.html>. Acesso em: 24 mar. 2014.

MINHOTO, Maria Angélica P. *Da progressão do ensino elementar ao ensino secundário (1931-1945): crítica do exame de admissão ao ginásio*. São Paulo. 322 p. Tese (Doutorado em Educação) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2007.

MORAIS, Antônio. Nos anos 60! *Blog do Antonio Moraes*, 22 maio 2011. Disponível em: <<http://blogdosanharol.blogspot.com.br/2011/05/nos-anos-60.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 3[30], p. 179-197, set./dez. 2012.

NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 35-60, maio/ago. 2000.

OSSENBACH, Gabriela. Manuales escolares y patrimonio histórico-educativo. *Educatio Siglo XXI*, v. 28, n. 2, p. 115-132, 2010. Disponível em: <<http://revistas.um.es/educatio/article/view/111991/106311>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

PINTO JR., Arnaldo. *Professor Joaquim Silva, um autor da história ensinada do Brasil: livros didáticos e educação moderna dos sentidos (1940-1952)*. 273 p. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, SP, 2010.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REZNIK, Luis. *Tecendo o amanhã – a história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos (1931 a 1945)*. 183 p. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, RJ, 1992.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

_____. La vida: un relato en busca de narrador. *Ágora: Papeles de Filosofía*, v. 25, n. 2, p. 9-22, 2006. Disponível em: <<http://201.147.150.252:8080/jspui/bitstream/123456789/1066/1/Ricoeur.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. (v. 1: A intriga e a narrativa histórica).

_____. _____. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. (v. 3: O tempo narrado).

ROCHA, Edmundo Ferreira da. Curso de admissão ao ginásio. *Campos do Jordão Cultura*, 21 jun. 2010. Disponível em: <http://www.camposdojordaoocultura.com.br/ver-chronicas.asp?Id_cronica=79&Assunto=Curso+de+Admiss%E3o+ao+Gin%E1sio>. Acesso em: 12 jul. 2016.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-91, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019/1158>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

SILVA, Cristiani Bereta da. Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: ego-documentos e cultura escrita na história do tempo presente. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 5-41, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180307152015005/4659>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

TAVARES, César. Admissão ao ginásio (turma de 1973). *Amigos de Delmiro Gouveia*, 15 maio 2012. Disponível em: <<http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/2012/05/delmiro-gouveia-lebrancas-dos-tempos.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

TEIXEIRA, Getúlio. Das recordações de Getúlio Teixeira dos sessenta: o exame de admissão ao ginásio. *O baú de Macau*, 21 set. 2012. Disponível em: <http://www.obaudemacau.com/?page_id=28064>. Acesso em: 12 jul. 2016.

URBIM, Carlos. *Admissão ao ginásio*. Porto Alegre: Escritos, 2008.

VALENTE, Wagner Rodrigues (Org.). Osvaldo Sangiorgi: um professor moderno. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq; Osasco: GHEMAT, 2008.

Documentos

1) Declaração de impressão de 70.000 exemplares do livro *Programa de Admissão*; 2) Declaração de impressão de 50.000 exemplares do livro *Programa de admissão*. São Paulo Editora S/A Estabelecimento Gráfico. 10 dez. 1971. Caixa Correspondência Geral CEN. Envelope 51. Acervo da Companhia Editora Nacional. Centro de Memória e Pesquisa Histórica do Departamento de História da Unifesp (Guarulhos – SP).

Fontes orais

LINS, Isabel da Silva [90 anos]. [nov. 2014]. Entrevistadora: Máira Pires Andrade. Florianópolis, 17 nov. 2014.

SANTOS, Elvira Andreatta dos [70 anos]. [nov. 2015]. Entrevistadora: Elaine Prochnow Pires. Rio do Sul, 10 nov. 2015.

SILVA, Lea Palmira e [67 anos]. [nov. 2013]. Entrevistador: Flávio Welker Merola Gentil. Florianópolis, 12 nov. 2013.

PETRI, Anísia Junkes [60 anos]. [nov. 2015]. Entrevistadora: Elaine Prochnow Pires. Rio do Sul, 10 nov. 2015.

Resumo: Este artigo apresenta duas ordens de reflexões que se complementam. A primeira delas é metodológica e implica pensar as possíveis articulações entre diferentes narrativas – orais e escritas, autobiográficas e ficcionais, digitais e impressas – para a compreensão, no presente, da memória, da narrativa e da temporalidade. A segunda trata de livros e leitores no contexto da vigência dos exames de admissão ao ginásio –instituídos com a reforma Francisco Campos, de 1931, e descontinuados oficialmente com a promulgação da Lei nº 5.692, de 1971. Privilegiou-se, aqui, a análise de memórias – narrativas orais produzidas em entrevistas, narrativas escritas publicadas em *blogs e sites* e uma narrativa que mescla memórias e ficção – sobre os usos dos livros destinados à preparação para os exames e sobre o ensino de história do Brasil. As memórias sobre esse período instigam reflexões sobre como diferentes sujeitos interpretam a experiência da escolarização, mas principalmente fornecem indícios dos usos de livros didáticos e das práticas de leitura, contribuindo para dotar de inteligibilidade dimensões do saber histórico escolar e das práticas escolares no que concerne ao ensino de história do Brasil.

Palavras-chave: narrativas, livros didáticos, exames de admissão ao ginásio.

**Authors, texts and readers: different forms of narrating
“the times of middle school entrance exams” in Brazil (1950-1970)**

Abstract: This article presents two orders of reflection that complement each other. The first order is methodological and implies considering the possible articulations between different narratives – oral and written, autobiographical and fictional, digital and print – as historical sources to understand memory, narrative, and temporality in present day. The second order reflects upon textbooks and readers in the context of Brazilian middle school entrance exams. These exams had been established with the Francisco Campos reform in 1931, and were officially discontinued with the enactment of the Law 5.692 of 1971. Through oral narratives produced in interviews, written narratives published on blogs and websites and one narrative that mixes memories and fiction, the analysis focused on the use of textbooks dedicated to prepare for these exams and on teaching of Brazilian history. Memories of this period inspire reflections as to how different subjects interpret the schooling experience, and particularly how they are able to provide insights on the use of textbooks and reading practices, which contributes to provide with intelligibility the dimensions of school-level historical knowledge, as well as of school practices regarding Brazilian history teaching.

Keywords: narratives, textbooks, high school entry exam.

Recebido em 25/04/2016

Aprovado em 02/06/2016